

Resenha

Em nome da honra

Francisco das Chagas Silva Souza*

Submetida em 24 de março de 2011 e aprovada em 3 de maio de 2011.

PRIORE, Mary Del. *Matar para não morrer: a morte de Euclides da Cunha e a noite sem fim de Dilermando de Assis*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 174 p.

Domingo, 15 de agosto de 1909. Numa manhã chuvosa, um crime no número 214 da Estrada Real de Santa Cruz, bairro da Piedade, quebra a rotina do subúrbio carioca. Seria mais um dentre tantos outros que ocorriam na capital da República brasileiras e não envolvesse um dos mais afamados intelectuais e membro da Academia Brasileira de Letras, Euclides da Cunha, assassinado, aos 43 anos, depois de uma tentativa frustrada de acerto de contas com o amante de sua esposa.

É desse crime que trata a obra *Matar para não morrer*, escrita pela historiadora Mary Del Priore, publicada em 2009, pela editora Objetiva, com 176 páginas. Dividido em cinco capítulos, o livro discorre sobre o triângulo amoroso que envolveu o prestigiado escritor Euclides da Cunha, militar, engenheiro, professor e jornalista; a sua esposa, Ana Emília da Cunha, conhecida na intimidade como Saninha, de família tradicional; e Dilermando de Assis, cadete da Escola Militar.

Del Priore é pós-doutora na *École des Hautes Études en Sciences Sociales*, em Paris, ex-professora da USP e da PUC-Rio e autora de uma grande lavra de livros de História, quase trinta. É também sócia honorária do *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* e vencedora de prêmios como o *Casa Grande & Senzala*, o *Jabuti* e o de melhor livro de não ficção, concedido pela *Associação Paulista de Críticos de Arte*, quando da publicação de *O Príncipe Maldito*, em 2007.

O drama que envolve as vidas dos personagens iniciou-se em princípios do século XX. Em função das constantes viagens de Euclides da Cunha e do tempo que este passava fora, em expedições, Ana resolveu morar numa pensão no Rio de Janeiro com o filho mais novo, depois de matricular os dois mais velhos em um colégio interno em São Paulo. No pequeno hotel, teria as companhias de duas amigas, tias solteironas de um jovem cadete da Escola Militar, de 17 anos, que ali conheceu e

* Doutor em Educação (UFRN). Professor de História no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte, Campus Mossoró-RN, Brasil. Contato: chagas.souza@ifrn.edu.br

por quem se apaixonou, aos 33 anos. A solidão, a carência afetiva e as interdições eram combustíveis para o romance, que, para ser mantido longe das vistas dos outros hóspedes da pensão, exigia de Saninha uma mudança para uma casa, onde viveria junto com a criança e Dilermando, sob o pretexto de que ele era como um membro da família, cuja presença masculina garantir-lhe-ia mais segurança.

Tudo parecia bem. Saninha encontrava em Dilermando o que não tinha no marido: atenção, afeto e carinho, sentimentos que não podia esperar do esposo, que vivia para os livros. Porém, para o desespero do casal, Euclides voltou de sua viagem ao Acre e, ao retornar, encontrou a mulher nos primeiros meses de gravidez, disfarçada ao máximo. Esse primeiro filho dos amantes morreu pouco depois de nascer, mas, meses depois, Saninha ficou novamente grávida e deu à luz a Luiz, uma criança loira em uma família de pessoas morenas, levando Euclides, certa vez, a comentar ironicamente que o menino, registrado como seu filho, era “uma espiga de milho, em meio a um cafezal”¹.

Não dava mais para disfarçar. Depois de muitas discussões com a esposa, e, tendo esta, dois dias antes, deixado a família e se instalado na casa do amante, Euclides, humilhado e vendo esvair-se a sua honra, decidiu acertar as contas com Dilermando, que, à época, morava numa casa no bairro da Piedade com o seu irmão Dinorah, um jovem estudante da Escola Naval e jogador de futebol, no Botafogo. O que aconteceu na sequência é narrado com destaque por Del Priore nas primeiras quatro páginas do livro, com letras grandes e brancas, num fundo preto. Conta ela que o escritor foi recebido por Dinorah enquanto seu irmão fardava-se para terem uma longa e fria conversa. Anunciando que viera para “matar ou morrer”, Euclides, com uma arma em punho, adentra à casa e dispara contra os dois irmãos. Instintivamente, Dilermando, um exímio atirador, mesmo ferido, conseguiu reagir e alvejar mortalmente o escritor.

Como é de se supor, o escândalo toma as páginas dos jornais e as vidas dos envolvidos são devassadas. “O Rio de Janeiro era a capital do mexerico e da calúnia”, lembra Del Priore². A maioria dos jornalistas e escritores – exceção feita a Monteiro Lobato – concordava com a ideia de que Euclides da Cunha estava no seu direito. Era *homem* e, portanto, deveria lavar com sangue a sua honra. Calúnias, difamações e meias verdades envolvendo a esposa “infel”, “desavergonhada” e “histérica” e o jovem “farto gastador” e “explorador da fraqueza feminina” eram divulgadas diariamente pela imprensa sensacionalista. Preso e julgado,

¹ PRIORE, Mary Del. *Op. cit.* p. 31.

² *Idem*, p. 75.

Dilermando foi absolvido sob a alegação de que havia agido em legítima defesa. Casou-se, em seguida, com Saninha com quem teve vários filhos.

Todavia, sete anos depois, uma nova tragédia traz o casal de volta às páginas policiais. Dessa vez, a vítima era o jovem Euclides da Cunha Filho, o *Quidinho*, que, semelhante ao pai, tenta contra a vida do então esposo da sua mãe em um cartório no Rio. Gravemente ferido, mais uma vez, Dilermando defende-se da morte, porém, assassina o filho da sua esposa. Novamente preso e julgado, outra vez é inocentado do crime, com a alegação de ter matado para não morrer.

Mesmo tendo sido absolvido nos dois julgamentos, Dilermando nunca foi perdoado pela opinião pública, que denunciava na imprensa a falta de moralidade da Justiça. Apesar disso, alcançou êxitos na carreira militar, chegando a general. Até o fim de sua vida, tentou explicar os crimes que cometeu e também limpar a sua honra por meio de entrevistas à revista *O Cruzeiro* e da publicação de um livro autobiográfico. Recordando o desatino de Euclides, Dilermando ressaltava que este “matou-se pelas minhas mãos”. Na sua concepção, o irmão Dinorah seria a maior vítima de toda a tragédia, pois, mesmo não tendo nenhuma culpa, acabou hemiplégico em consequência de uma bala alojada próximo à coluna. Impossibilitado de continuar na carreira militar e de jogar futebol, e sem forças para suportar a situação, suicidou-se aos 32 anos.

A versão de Mary Del Priore choca-se, em alguns detalhes, com a escrita por Glória Perez e veiculada pela Rede Globo, em 1990. A minissérie *Desejo* apresenta um Euclides da Cunha humilhado, tuberculoso e vítima de uma mulher traiçoeira e mentirosa. Dilermando é um jovem que se apaixona por uma mulher casada e, em certos momentos, a explora. Ou seja, bem ao gosto da imprensa do início do século passado. Já em *Matar para não morrer*, encontramos uma leitura a contrapelo. Cem anos depois da morte do escritor de *Os Sertões*, a autora não é compassiva com esse intelectual como o fizeram as análises em inícios do século XX. Ao contrário, ela é compreensiva – mas não complacente – com o seu rival, Dilermando, e ousa dar-lhe voz, mostrando-nos que um acontecimento pode ter várias interpretações.

Para urdir a sua trama, Del Priore vale-se de uma ampla revisão de literatura, da qual podemos destacar os autos do processo que apurou o assassinato de Euclides da Cunha, os arquivos de jornais da época, o livro escrito por Dilermando de Assis, intitulado *A tragédia da Piedade* (1951) em resposta à obra *A vida dramática de Euclides da Cunha*, de Eloy Pontes (1938), as entrevistas dadas por Dilermando à revista *O Cruzeiro*, em novembro de 1951, as memórias de sua filha Judith publicadas na obra *Anna de Assis: história de um trágico amor*, de Jefferson de Andrade (1987).

Pode-se afirmar que em *Matar para não morrer* Del Priore exprime mais uma vez a sua verve de historiadora, biógrafa e romancista, como, aliás, o fez tão bem em *O Príncipe Maldito* (2007) e *Condessa de Barral* (2008). Quebra, com isso, vários tabus: o de que a biografia não é considerada história, por ser uma investigação sobre um indivíduo e não sobre acontecimentos coletivos; o que percebia uma fronteira bem definida entre a História e a Literatura; e o de que a escrita da História, pela sua seriedade, deveria ser direcionada aos acadêmicos da área que, sobre ela, se debruçariam ao longo de infindáveis debates.

Numa época em que as pessoas cada vez mais estão interessadas em História, Del Priore publica uma obra feita com ciência, razão, paixão e arte: possui a leveza e a instigação de um romance, mas tem a densidade que uma obra de História exige. Os infortúnios dos irmãos Assis, de Euclides da Cunha, de Ana e de Quidinho não são tratados sem uma contextualização histórica. Nela, encontramos uma *história dos costumes* na Belle Époque do Rio de Janeiro, num momento em que a modernidade conflita-se com os arcaísmos de nossa tradição católica. Descrevem-se, com esmero, a sociedade carioca, as relações de gênero e os valores da época.

No relato da historiadora, não apenas Ana da Cunha é apresentada como vítima da manipulação de uma sociedade machista, mas também os quatro homens que com ela conviveram: o marido, o filho, o amante e o cunhado. Para essa autora, “o patriarcalismo não era violento só com as mulheres. Com os homens também. Por um lado, acusava-se a mulher. E por outro, entre risos e chacotas, discutia-se o desempenho ineficiente do corno”³. Era assim que se sentia Euclides da Cunha. Mesmo sendo um intelectual de renome, um dos destaques do *Pré-Modernismo* da literatura brasileira, Euclides era um homem do seu tempo e, por isso, levado pela pulsão, deveria lavar com sangue a sua honra. Procederia, assim, de acordo com as imposições sociais, cessando as maledicências, as zombarias e as dúvidas quanto à sua virilidade. Certamente considerava que o seu feito não lhe traria maiores consequências, uma vez que o crime cuja causa era o adultério, o *uxoricídio*, era justificado e mesmo exigido pela mentalidade popular. O seu assassinato, sem a punição que a sociedade esperava para o criminoso, foi o motivo, mais tarde, para que o seu filho Quidinho procurasse limpar a sua honra e a do pai, uma vingança esperada de um filho que amava e zelava o seu genitor.

“A honra matou mais do que a peste”, afirma Del Priore⁴. Os quatro personagens masculinos de *Matar para não morrer* viveram num

³ *Ibidem*, p. 21.

⁴ *Ibidem*, p. 155.

mundo onde a honra tinha um valor concreto e não se podia escapar dos seus códigos e leis. Preferia-se a morte à sua perda. Em seu nome, aceitava-se até a violência física. Matava-se ou morria-se para legitimar os valores da “boa sociedade”. Diz a historiadora: “Numa sociedade machista, paira o silêncio dos cemitérios sobre o sofrimento masculino. Ele não é dito. É silêncio de morte. Silêncio ambivalente que diz mais do que a enxurrada de muitas palavras. Silêncio feito de medo, de vergonha, de angústia”⁵. Em seguida, pondera que muito se tem estudado a história das mulheres e o sofrimento destas, entretanto, nada ou muito pouco se escreveu sobre a dor dos homens: “Na mesma sociedade, ele dói tanto quanto o feminino. Ou pior: nela, as lágrimas deles não correm, nada podendo revelar do que lhes vai ao coração. A dor é censurada. Eles têm que engolir”⁶.

Além da dor sentida por Ana com as perdas dos filhos e o escárnio da sociedade, não faltou sofrimento masculino na conhecida *tragédia da Piedade*: Euclides da Cunha sofreu sozinho durante anos até pegar um revólver emprestado para acertar as contas com o amante de sua esposa; Dilermando viveu um drama íntimo e lamentou até morrer os efeitos do que chamou de “meu erro dos 17 anos”, idade em que começou seu caso amoroso com Ana; Dinorah sofreu, impedido de andar livremente e de levar adiante os seus sonhos; Quidinho ouviu, durante anos, as advertências dos amigos e da família para vingar a morte do pai e deu a vida por isso.

A nosso ver, a ressalva feita ao sofrimento masculino como um traço da cultura patriarcal torna inovadora a obra de Del Priore, que também escreveu uma *História das mulheres no Brasil*. Seu livro contribui para o rompimento de uma longa tradição dos estudos de gênero que, influenciados por um feminismo bolorento, esmeram-se em detalhar a vilania dos homens e a vitimização das mulheres, negligenciando o fato de que os papéis reservados aos gêneros são construídos historicamente e independem de um comportamento bom ou mau do ser humano. Portanto, compreendemos *Matar para não morrer* como uma obra que contribui para ampliar os estudos acerca da chamada *História das Sensibilidades*, que vem ganhando espaços na academia. Felizmente, os historiadores da atualidade descobriram que “não se deve fazer história se não for com um grande prazer”, como afirmou certa vez Alain Corbin⁷.

⁵ *Ibidem*, p. 156.

⁶ *Ibidem*, p. 156.

⁷ CORBIN, Alain. O prazer do historiador. Entrevista concedida a Laurent Vidal. (Trad. de Christian P. Kasper). Revista Brasileira de História, São Paulo, vol. 25, nº 49, p. 11-31, jul. 2005. p. 12.

